

A magia empalidecida e a fal(h)a que insiste: tramas da linguagem e restos do Real na psicanálise

Carolina Dal-col Vianna¹

Cláudia Aparecida de Oliveira Leite²

Resumo

O presente trabalho, oriundo de uma pesquisa teórica em psicanálise, pretende interrogar o poder da fala, dando destaque a alguns conceitos que se articulam no campo da linguagem. O lugar privilegiado da fala, em psicanálise, tem seu início com Sigmund Freud, na clínica com as histéricas, que, sustentado pela transferência, privilegiava escutá-las, dando início ao método da cura pela associação livre. Adiante, este estudo resgata a dimensão simbólica da palavra, com base no método de análise estrutural linguístico e no conceito de eficácia simbólica de Claude Lévi-Strauss. Para tal elaboração, situa-se o fundamento do retorno a Freud instituído por Jacques Lacan. Desse desdobramento teórico, este artigo estabelece que a linguagem, ao proferir algo do não sentido, manifesta em si o registro do Real e denuncia uma parte da verdade do sujeito que escapa à ordem simbólica. Portanto, o poder da fala estaria entre a magia empalidecida da linguagem e a fal(h)a que insiste e nos leva ao estatuto do Real.

Palavras-chave: Psicanálise, Linguagem, Fala, Eficácia simbólica.

1 Especialista em psicanálise: clínica com crianças e adolescentes pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Minas Gerais, Brasil). Graduada em psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7231-7117>. E-mail: carolinadalcolvian@gmail.com.

2 Doutora em linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestra em linguística pela Unicamp. Docente do curso de psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1634-4866>. E-mail: claudia.leite@uemg.br.

Introdução

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra
(Andrade, 1977/2014, p. 93).

A elaboração deste trabalho vem de uma indagação, que surgiu quando criança, escutando a história do meu nascimento, narrada pela minha mãe. Nasci prematura, faltando uma semana para completar sete meses; por causa disso e de algumas complicações no parto, fiquei um tempo na incubadora. As enfermeiras diziam para minha mãe que eu não me adaptava ao capacete de oxigênio, mexia muito e isso dificultava o meu progresso. Até que uma das trabalhadoras do hospital, que com certeza sabia do poder das palavras, sugeriu à minha mãe que cantasse uma música para mim.

As canções elaboradas pela minha mãe foram capazes de me acalmar e, em pouco tempo, tive alta do hospital. Eu me perguntava: que palavras são essas capazes de transformar uma pessoa e ressoar em uma pessoa? Em seguida, percebi que essas palavras encantadas estavam nas igrejas a que íamos todo domingo, na escola em que estudava, nas falas dos meus familiares, amigos e de outras pessoas, as quais me atravessaram na vida. Este trabalho é um pedaço disso que me movimenta na procura da minha palavra.

A psicanálise surgiu por meio da descoberta da magia que as palavras carregam. Sigmund Freud (1856-1939), médico neurologista austríaco e criador da psicanálise, resgata por meio da paciente Anna O., atendida por seu tutor, Josef Breuer, o método da fala livre, consoante o qual a cura estaria na fala sobre as representações afetivas (Breuer & Freud, 1895/2016). Em 1890, em um dos seus primeiros trabalhos que introduzem o que seria a psicanálise, intitulado *Tratamento psíquico (Tratamento anímico)*, Freud já mostrava os indícios de que o tratamento psicanalítico mantém, como elemento principal, a palavra. Assim, ela é capaz de provocar as transformações anímicas pelo seu efeito curativo (Freud, 1890/2020).

Seguimos, portanto, as trilhas abertas por Freud interrogando as tramas da linguagem que provocam permanentemente o falante. Assim, construímos este trabalho em consonância

metodológica com as bases da pesquisa teórica em psicanálise, que, segundo Garcia-Roza (1993), pretendem aplicar a teoria psicanalítica a uma análise crítica com o propósito de investigar sua lógica interna, a coesão e a coerência dos seus conceitos e as conjunturas de suas possibilidades. Portanto, trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica que tem fundamento na análise dos conceitos psicanalíticos. Buscamos apresentar uma análise de alguns conceitos que se articulam no campo da linguagem, dando destaque aos de significante e eficácia simbólica. Dessa maneira, ao questionarmos o que movimentaria, na fala, a magia das palavras, corroboramos o pensamento de Lacan (1953/1998, p. 253), quando ele diz que a “fala, mesmo no auge de sua usura, preserva seu valor de tésseira”.

O tema proposto justifica-se pela relevância dos estudos da função da fala e do campo da linguagem em psicanálise, seja na perspectiva clínica, seja no desdobramento da teoria psicanalítica. A base conceitual psicanalítica, segundo Lacan (1953/1998), orienta-se em um campo da linguagem ordenada por meio da fala. Configuramos, dessa maneira, desde os primeiros escritos de Freud, em 1890, perpassando pelo texto fundamental *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (Lacan, 1953/1998), que inaugura as elaborações do estruturalismo linguístico no ensino lacaniano, os movimentos que sustentam a teoria e a prática em psicanálise. A palavra, em análise, ordenada pela fala, não é analisada somente pelo conteúdo presente, mas pelo modo de operação linguística. É dessa forma que, no tratamento analítico, a fala é tomada de maneira que “confere um sentido às funções do indivíduo, seu campo é o do discurso concreto, como campo de realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real” (Lacan, 1953/1998, p. 259).

Os estudos do psicanalista francês Jacques Lacan (1953/1998) acerca do poder da palavra são influenciados pela metodologia antropológica estrutural de Claude Lévi-Strauss (1949/2012). É por meio de uma releitura desse método que ele propõe um resgate aos fundamentos freudianos. Lévi-Strauss (1949/2012a) introduz, aos elementos linguísticos, o valor dos símbolos sociais, reconhecendo na estrutura linguística a eficácia simbólica das palavras. Inicialmente, em seus escritos de 1953, Lacan, assim como os linguistas, acreditava que a estrutura simbólica da linguagem é o que atribuiria toda a verdade aos atos e sentidos do sujeito. Essa posição de Lacan encontra um furo. Ele esbarra no fracasso do simbólico, em algo na fala que falha. Em seu *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970/2016), ele avança, buscando reconhecer que a fala, ao deixar de proferir algo do não sentido, do registro do Real, não estaria toda numa articulação simbólica. Desse modo, a verdade do sujeito, admitida como o que movimenta o agente, situada entre o simbólico e o Real, é e só pode ser meio absorvida pela linguagem.

Seguindo assim, para compor a discussão do artigo na perspectiva psicanalítica, recorreremos a Sigmund Freud e Jacques Lacan. Com Freud, fundamentado em suas produções teóricas acerca do método de cura pela palavra, emergente na escuta das históricas, daremos ênfase aos conceitos de sexualidade, representação e transferência. Com Lacan, recobramos o que tange ao seu retorno aos conceitos freudianos por meio do método estrutural linguístico, bem como por seus textos produzidos em 1953, tais como *O mito individual do neurótico* (1953/2008) e *O simbólico, o imaginário e o real* (1953/2005); ademais, vamos resgatar

a noção de verdade e de metalinguagem presente no seminário *O avesso da psicanálise* (1969-1970/2016). Além disso, nós nos serviremos das contribuições teóricas sobre a eficácia simbólica e o método estrutural de Claude Lévi-Strauss (1949/2012a, 1955/2012) e, no campo da linguística, retornaremos ao *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure (1916/2006).

Freud e a cura pela palavra

Em 1890, Freud redigiu um texto intitulado *Tratamento psíquico (tratamento anímico)*, no qual discorre sobre os elementos presentes na relação médico-paciente que possibilitariam a eficiência do tratamento anímico. Ele definiu o tratamento anímico nos seguintes termos: “tratamento que parte da alma, tratamento – de distúrbios anímicos e físicos – com meios que de início e diretamente terão efeito sobre o anímico da pessoa” (Freud, 1890/2020, p. 19). Nesse escrito, o pai da psicanálise apresenta a elaboração sobre a linguagem, considerando-a o elemento principal do tratamento anímico. Ao dar à palavra um lugar de ferramenta essencial no tratamento, Freud (1890/2020) anuncia:

Agora começamos a entender também a “magia” da palavra. Palavras, como sabemos, são os mais importantes mediadores da influência que uma pessoa quer ter sobre a outra; palavras são bons meios para provocar transformações anímicas naquele a quem elas são dirigidas, e por isso não soa mais estranho quando se afirma que a magia da palavra pode afastar manifestações de doença, ainda mais aquelas que se originam em estados anímicos (p. 31).

O método psicanalítico, assim sendo, desde os primórdios, instituiu-se como a cura pela palavra. Entretanto, a consolidação desse método passou por um percurso. Lembremos que um dos casos emblemáticos, em que se perceberam os efeitos da palavra, foi o da paciente Anna O., acompanhado por Josef Breuer (1895/2016). Ele utilizava, para tratar seus pacientes, o método catártico. Esse método estabelecia um procedimento no qual a paciente, sob hipnose, ao falar sobre seus afetos patogênicos, construía uma narrativa a respeito dos acontecimentos traumáticos e, com isso, livrava-se (expurgava) dos afetos vinculados ao trauma. A definição do método catártico, conforme pontuado por Laplanche e Pontalis (2001), seria:

Método de psicoterapia em que o efeito terapêutico visado é uma “purgação” (catharsis), uma descarga adequada dos afetos patogênicos. O tratamento permite ao sujeito evocar e até reviver os acontecimentos traumáticos a que esses afetos estão ligados, e ab-reagí-los. Historicamente, o “método catártico” pertence ao período (1880-1895) em que a terapia psicanalítica se definia progressivamente a partir de tratamentos efetuados sob hipnose (p. 60).

Inicialmente, Freud desenvolveu seu trabalho alinhado às propostas de Breuer. Entretanto, ele abandona esse método, mas dele resgata, e eleva ao estatuto de regra, a fala livre, também conhecida por associação livre. Quando Freud reconhece, por meio da fala das histéricas, o seu método de tratamento, ele afirma que existe uma mágica que possibilita sua eficácia, ou seja, “as palavras de nosso discurso cotidiano nada mais são do que magia empalidecida” (Freud, 1890/2020, p. 19). Destarte, a eficiência do tratamento anímico

perpassaria por uma regra fundamental, a associação livre, que reconhece nas palavras do sujeito o efeito de magia da análise e “contribui para instaurar a relação intersubjetiva do analista e do analisando como uma relação de linguagem” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 60).

Ao recuperar o caso Anna O., indicamos que o destaque não estava em seu sintoma, comum às histéricas clássicas; ao se apresentar para Breuer, Anna O. se mostrou um sujeito dividido e, assim, demonstrou que na palavra se encontrava a cura dos sintomas. Conforme aponta Colette Soler (2005, p. 6), “foi porque Anna O. lhe revelou uma coisa espantosa: quando Anna, a sonâmbula, falava, do fundo de suas ausências hipnóticas, a outra Anna, a do estado de vigília, curava-se de seus sintomas”. Esse foi o vetor que mobilizou Breuer. O médico considerou o caso tão inusitado e importante para o entendimento dos fenômenos histéricos que passou a se dedicar aos estudos até elaborar seu método catártico de tratamento, preâmbulo da psicanálise, descrito na sua publicação conjunta com Freud em 1895.

A obra de Sigmund Freud e Josef Breuer, de 1895, *Estudos sobre a histeria*, é considerada o marco inaugural da psicanálise (Roudinesco & Plon, 1998). Isso se deve ao fato de que foram as histéricas que permitiram o nascimento da psicanálise, quando Freud se pôs a escutá-las em sua clínica. Foi pela escuta delas que Freud inaugurou um modo inteiramente novo de relação humana, a psicanálise (Roudinesco & Plon, 1998). A fala das histéricas levou Freud a sair da posição de sugestão em direção à posição de escuta; essa mudança permitiu que ele reconhecesse que a origem dos sofrimentos das histéricas estaria nas reminiscências, isto é, não se trataria de distúrbios orgânicos, mas de representações das imagens afetivas que foram recalçadas (Breuer & Freud, 1895/2016). As origens das neuroses histéricas dividiam os dois autores da obra *Estudos sobre a histeria*. Enquanto Breuer defendia um estado anormal do aparelho mental, provindo de uma experiência traumática, Freud apostava nas defesas do eu como uma tentativa de equilíbrio entre uma representação intolerável e seu afeto, perpassado pela sexualidade (Mouammar, 2010).

Os relatos dos eventos traumáticos sobre efeito hipnótico auxiliavam Freud na compreensão dos fenômenos histéricos e amenizavam os sintomas, mas o paciente não se apropriava das narrativas e os sintomas se manifestavam novamente, o que o levou ao abandono da prática da hipnose. Esse é o ponto de virada e o elemento que sustenta o nascimento de uma nova técnica. Apesar de não curar os sintomas histéricos, a verbalização dos afetos reprimidos de forma espontânea mostra que é por meio da palavra que acontece a associação livre: o método e a única regra do tratamento analítico.

Freud, muito além de buscar um diagnóstico para os sintomas histéricos, objetivou escutar no corpo que pulsava o sentido de seu sofrimento; o método de associação livre possibilitava aos pacientes construírem, por meio da linguagem, uma narrativa ativa de seu sofrimento. Quando a paciente Emmy von N. tomou a fala, conforme lemos em um dos casos apresentados na obra de 1895, pedindo que Freud nada falasse, que apenas a escutasse, fica nítido que é por meio das palavras do sujeito que se situaria o tratamento analítico. O paciente passou, então, a narrar ativamente seu sofrimento, pois não estava mais em estado hipnótico passivo. Dessa maneira, é na linguagem do paciente, nos atos falhos, nos chistes, nos lapsos, nos relatos oníricos e nos sintomas que Freud começa a identificar a aparição dos desejos inconscientes.

A descoberta do inconsciente por meio das pacientes histéricas levou Freud a elaborar uma teoria da representação. No texto *Sobre a concepção das afasias* (Freud, 1891/ 2016), ele estabelece que a representação é a última etapa para o processo de reorganização das informações sensoriais, provenientes do mundo externo, no sistema nervoso e, desse modo, as percepções do sujeito são, então, uma reorganização e não uma pura cópia da realidade. A aparição dos desejos inconscientes das histéricas durante a análise é dada pelas imagens e pelas representações afetivas que surgiam de suas falas. A essas representações afetivas que se manifestam no corpo, Freud deu o nome de pulsão sexual.

A presença da sexualidade nas falas das histéricas, na clínica, era uma ocorrência que deixava Freud curioso. Ele questionava o porquê de as representações que provocavam o desprazer e as repressões das histéricas terem sua origem em traumas infantis.

É totalmente impossível supor que afetos sexuais penosos sejam tão superiores em intensidade a todos os outros afetos desprazíveis. Tem de ser um outro caráter da representação sexual o que possa explicar o porquê de somente as representações sexuais estarem sujeitas à repressão (Freud, 1895/1996, p. 64).

Inicialmente, Freud acreditava que os traumas relatados por suas pacientes provinham de uma cena de sedução real ocorrida na infância. Em sua carta a Fliess de 21 de setembro de 1897 (1897/2018), ele revela ter abandonado a teoria de que todas as histéricas sofreram violência sexual ao incorporar que as representações afetivas estariam perpassadas pela fantasia. A entrada da leitura fantasmática do trauma possibilitou à psicanálise reconhecer a realidade psíquica como a bússola narrativa do sujeito (Roudinesco & Plon, 1998). A partir dela, não cabe ao psicanalista medir a veracidade dos fatos, mas escutar como o paciente relata sua fantasia.

Sendo assim, a dissociação entre a representação intolerável e seu afeto é a causa dos fenômenos histéricos. Para Freud, quando uma representação afetiva é reprimida³, ou seja, não ocorre uma descarga, ela se converte em uma desestabilização do eu e barra o acesso da representação ao consciente (Mouammar, 2010). Desse modo, o sintoma histérico é entendido como representações substitutivas de representações sexuais. Vale ressaltar que os relatos das fantasias sexuais das histéricas e a percepção dessas narrativas traumáticas situadas na infância levaram Freud a elaborar uma teoria acerca da sexualidade humana.

O psicanalista vienense, ao formular o conceito de pulsão, apresenta uma solução teórico-clínica possível ao antigo problema epistemológico da dicotomia corpo-mente, no ponto em que a conceituação do pulsional implicaria descrever sua condição limítrofe entre o somático e o psíquico. Toda pulsão tem como fonte o somático. Segundo Hélio Honda (2011, p. 407), ela “expressa-se psiquicamente como uma pressão ou força constrangedora, e apresenta uma meta específica, a satisfação, alcançada mediante algum objeto”. De acordo com Freud (1915/2017), a pulsão é dada como representante psíquico dos fenômenos corporais. Essas representações psíquicas são as que, por exemplo, fazem o efeito das representações reprimidas no corpo. A pulsão, ademais, é uma medida de exigência de trabalho imposta ao psíquico, ela é constante e incapaz de se satisfazer completamente (Freud, 1915/2017).

3 A tradução do *Verdrangung* para o português perpassa por duas leituras. A primeira apropriada pelo autor citado, repressão, e outra traduzida como recalque, provindo da corrente francesa, influenciada por Lacan em seu texto *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud*, de 1954 (Lacan, 1998).

As histéricas, ao proferirem suas queixas, perpassadas pelas representações afetivas, depositam um saber sobre seu sofrimento no analista. Esse movimento seria, segundo Freud (1890/2020), “uma das condições principais para promover no doente o estado psíquico propício para a cura” (p. 31). Nesse escrito, ele retoma que o efeito mágico das palavras do médico é o que proporciona uma mudança no estado anímico do paciente. Os médicos que fazem uso do tratamento anímico, a fim de evocar nos doentes condições mais favoráveis para a cura, são, em outras sociedades, os xamãs modernos; “o xamã nem sempre é um mago, um feiticeiro, ou um bruxo, mas sempre é um tipo de *medicine man* (*healer*)” (Dunker, 2011, p. 75).

Sendo assim, na perspectiva analítica, o endereçamento dessas palavras mágicas, do paciente ao médico, foi o que levou Freud a compreender que o efeito curativo da hipnose, denominado “elemento místico” (Freud, 1925/2011, p. 88), estava no amor transferencial. Esse primeiro movimento permitiu a Freud interrogar acerca do manejo dessa *magia empalidecida*, que ele desenvolveu sob o nome de transferência. O abandono da hipnose se justifica pela função que Freud dá ao manejo da transferência.

A tarefa da terapia teve de ser concebida de outra forma, seu objetivo não era mais “ab-reagir” o afeto que enveredara por vias erradas, mas sim desvendar as repressões e substituí-las por operações de julgamento que poderiam resultar na aceitação ou rejeição do que fora repudiado. Considerando esse novo estado de coisas, não mais chamei de catarse o procedimento de investigação e cura, e sim de psicanálise (Freud, 1925/2011, p. 91).

O médico não revela ao paciente a verdade reprimida, como acontecia no método catártico, mas desvenda as palavras com o sujeito. É por meio das análises das transferências do sujeito que se opera a clínica psicanalítica, pois o paciente, ao falar livremente, é convocado à investigação do seu inconsciente (Dor, 1989).

Conceito fundamental da obra freudiana, a transferência é a representação das expectativas libidinosas que o sujeito manifesta direcionada para suas relações com seus objetos. Esse investimento, ao se dirigir para o mundo, presentifica-se nas relações analíticas, em um depósito de saber na figura médica (Freud, 1912/2020). A transferência “é o terreno em que se dá a problemática de um tratamento psicanalítico, pois são a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam este” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 514).

Nessa transferência, é projetada uma confiança provinda não só da figura do médico, dos saberes atribuídos durante os estudos da medicina, mas também de um ponto de identificação e poder concedido ao médico (Freud, 1890/2020). Desse modo, o doente identifica no discurso médico, por meio de uma “expectativa crédula” (Freud, 1890/2020, p. 27), a possibilidade de tratamento e de cura. A magia das palavras provém da transferência de um saber de um sujeito a outro, essa é a mesma magia que possibilita as curas milagrosas.

As verdadeiras curas milagrosas acontecem com crentes sob a influência de eventos adequados para a intensificação dos sentimentos religiosos, ou seja, em locais onde se idolatra uma imagem misericordiosa e operadora de milagres, onde uma pessoa sagrada ou divina se apresentou aos seus filhos humanos [*Menschenkindern*], tendo-lhes prometido a diminuição

do sofrimento em troca de devoção, ou onde são guardadas as relíquias de um santo com tesouro (Freud, 1890/2020, p. 27).

A técnica psicanalítica, por incluir um acesso aos conteúdos inconscientes pela via da fala, foi duramente criticada. Freud foi acusado de se servir de práticas que se aproximavam da magia por não estarem consoantes ao discurso científico e empírico vigente na época. Dessa maneira, em muitos momentos, a psicanálise foi associada a uma pseudociência, recebendo críticas que tentavam invalidar sua prática (Dunker, 2020).

Esse movimento ocorre devido a um desconhecimento ético, conceitual e epistemológico sobre a psicanálise. A convicção de que a psicanálise e as práticas míticas estão fora do campo das ciências se pauta em uma ideia de que, ao se aplicar a metodologia das ciências naturais nas ciências humanas, é preciso ser neutro e reconhecer seus dados baseando-se em evidências concretas e empíricas. Os estudos acerca da epistemologia científica (Chauí, 2000) nos direcionam a pensar que existe uma diferença entre a leitura no campo científico natural e humano, ao reconhecer a demanda de seu objeto. As ciências naturais estudam fatos observáveis, estabelecidos por relações de causa e efeito, que podem ser submetidos aos procedimentos de experimentação e prova empírica, extraindo destes uma lei universal. Por outro lado, as ciências humanas trabalham com o *ser humano* como objeto científico. Nessa composição, a complexidade humana ocupa a posição de observador, mas também de objeto.

Assim, os fatos humanos são tomados por sua apropriação de sentidos, atravessamentos históricos e discursivos que, por seu caráter subjetivo, não podem ser julgados como universais, muito menos conforme as medidas naturalistas. Nesse discurso que invalida e nomeia a prática psicanalítica, tomando-a como pseudociência, exclui-se a subjetividade em nome de uma verdade empírica, provocando outro modelo de pesquisa no registro das ciências humanas.

O retorno a Freud com Lévi-Strauss

Assim como diversos campos de saberes se ramificam pela leitura e pela construção de seus seguidores, a psicanálise, após Freud, teve suas interpretações e teorizações feitas por diferentes autores, tais como Jacques Lacan, Melanie Klein, Wilfred Bion e Donald Winnicott. Destacaremos neste artigo as contribuições de Jacques Lacan, na sua perspectiva de um retorno a Freud. Lacan, psiquiatra e psicanalista francês, destinou parte de seu ensino, desde 1953, a retomar os estudos freudianos com o intuito de restituir os fundamentos da psicanálise. O texto que marca esse movimento é *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953/1998), também conhecido como “Discurso de Roma”. Nessa perspectiva, Lacan dedicou intensas críticas aos psicanalistas pós-freudianos, em específico, aos teóricos da corrente que surgiu nos Estados Unidos em 1920, nomeada psicologia do ego. Essa linha enfatizava um tratamento pautado na análise das resistências e numa reeducação emocional. Entretanto, por estarem situadas no registro imaginário, essas abordagens acabavam colocando o paciente em uma relação de objeto (Lacan, 1958/1998).

Lacan nos orienta que o desconhecimento dos conceitos freudianos pode levar a uma interpretação errônea da técnica psicanalítica (1953/1998). Ele justifica isso recuperando no campo da linguística uma base fundamental para elaborar os conceitos psicanalíticos: “Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala” (Lacan, 1953/1998, p. 247). O psicanalista francês faz um resgate dos estudos linguísticos de Ferdinand de Saussure (1857-1913) e Roman Jakobson (1896-1982) por meio da leitura de Claude Lévi-Strauss.

Para Saussure (1916/2006), a linguagem é construída como uma dicotomia dialética entre língua e fala, ou seja, a língua como contrato comunicativo social e a fala como ato de comunicar e atualizar a língua. Lévi-Strauss recupera tais elementos e introduz nos signos, símbolos e significantes da linguagem a sua ordem simbólica (Simanke, 2002). Dessa forma, “ele adapta ao terreno antropológico, ao atribuir ao significante o lugar da estrutura e ao significado do sentido, ao passo que Saussure trata-se, antes, de opor som e conceito” (Simanke, 2002, p. 435). Lévi-Strauss incorpora o método linguístico aos fatos sociais, enquanto os linguistas tratavam a linguística como uma ciência da natureza.

O retorno a Freud feito por Lacan perpassa pelas influências da noção de inconsciente do estruturalismo linguístico e antropológico de Lévi-Strauss. Esses elementos podem ser recuperados em sua apresentação na conferência de 1953, sobre os registros, e pela leitura e apropriação do método estruturalista, presente em *O mito individual do neurótico* (1953/2008), como nos lembra Simanke (2002). Desse modo, faremos uma retomada desse percurso a fim de compreender o resgate de Freud apresentado pelo ensino lacaniano.

Lévi-Strauss estabeleceu o estruturalismo na antropologia e fundou o método de pesquisa científica antropológica. A partir de seus estudos, foi possível formar uma antropologia social, saindo do campo do determinismo biológico em direção aos estudos de um sujeito como efeito da estrutura social (Simanke, 2002). O inconsciente estrutural de Lévi-Strauss tem sua base extraída do método de análise empregado pela linguística estrutural, ou seja, ele identifica que,

Como os fonemas, os termos de parentesco são elementos de significação; como aqueles eles só adquirem essa significação ao se integrar em sistemas; os “sistemas de parentesco” como os “sistemas fonológicos”, são elaborados pelo espírito no estágio de *pensamento inconsciente* (Simanke, 2002, p. 434, grifos do autor).

As palavras, os fonemas e os termos de parentescos são carregados de significação que apresentam uma lógica estrutural inconsciente. É seguindo esse pensamento de Lévi-Strauss que Lacan (1956/1985) dita seu clássico aforismo: *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*.

Movimento hegemônico na França durante os anos 1950 e 1960, o estruturalismo articulava diversos campos de saberes, entre eles a antropologia e a psicanálise. O estruturalismo objetivou colocar as estruturas sociais como um elemento de estudo das ciências humanas; nessa perspectiva, o sujeito é designado como constituído pela estrutura (Safatle, 2020). No estruturalismo linguístico, a linguagem é colocada como fato social central, “como se, por exemplo, os sujeitos não falassem, mas fossem falados pela linguagem, como se eles não agissem, mas fossem agidos pelas estruturas sociais” (Safatle, 2020, p. 45). A

linguagem compreendida como uma estrutura capaz de organizar e construir identidades sociais será tomada por Lacan no registro simbólico.

Em 1953, na primeira conferência da Sociedade Francesa de Psicanálise, a fim de expor seu projeto de retorno ao inconsciente freudiano, Lacan apresenta os registros real, simbólico e imaginário. Os registros são apresentados para apontar um problema na direção tomada pela escuta analítica da época. Lacan (1953/2005) estabelece “o que significa a confrontação desses três registros, bem distintos, que são, efetivamente, os registros essenciais da realidade humana, e que se chamam simbólico, imaginário e real” (p. 12). Os registros formam, em conjunto, uma estrutura que se complementa. O simbólico é proveniente da construção do estruturalismo linguístico de Saussure e da função simbólica de Lévi-Strauss, é o lugar do significante e da função paterna. Em outra parte, o Real se apresenta pelos restos, cujos significantes estão foracluídos do simbólico, “impossível de transmitir e que escapa à matematização” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 646). Enfim, é no registro Imaginário, derivado da faculdade de representar coisas em pensamento, proveniente do estágio do espelho lacaniano, que estão os fenômenos ligados à construção do eu.

Lacan observa que a leitura errônea das obras de Freud perpassa pela dificuldade de os analistas reconhecerem os registros e as propriedades que estes compõem. A predominância do registro imaginário, a partir do qual alguns pós-freudianos trabalhavam, apresenta ao paciente o modelo ideal do analista, colocando-o como objeto. Assim, a análise toma seu tratamento como um modelo didático. Lacan (1953/2005) critica esse modelo e aponta que a teoria e a técnica “sofreram uma espécie de encolhimento, e, a bem da verdade, de degradação” (p. 12).

No registro real, ele resume que “há, na análise, toda uma parte de real em nossos sujeitos, a qual, precisamente, nos escapa” (Lacan, 1953/2005, p. 13). É fundamental considerar que o real, nesse texto, é estabelecido como uma dimensão que escapa à compreensão e, mesmo se o analista buscasse se ocupar dele, este não seria alcançado. Dito assim, Lacan declara que é por meio das palavras do sujeito que se situa o tratamento analítico, isto é, “falar já é introduzir-se no sujeito da experiência analítica” (Lacan, 1953/2005, p. 2).

O sentido é dado à palavra em função do discurso, ou seja, de um sistema que envolve uma cadeia significante. Assim, é a linguagem, na articulação língua e fala, que comporta o sentido das coisas em uma série de significações. Associando a palavra ao símbolo, o trabalho analítico é posto no campo do registro simbólico: “quer se trate de sintomas reais, atos falhos e tudo quanto nele se inscreva; trata-se ainda e sempre de símbolos, e de símbolos muito especificamente organizados na linguagem” (Lacan, 1953/2005, p. 6). Percebemos que os três registros se manifestam em análise por seu caráter indissociável. O que Lacan ressalta é que na palavra, no significante, situa-se o trabalho analítico. A palavra assume seu sentido a partir do discurso, das atribuições de sentidos que lhe são dadas, uma vez que o sujeito ao falar, na clínica estrutural⁴, orienta-se por uma gramática do seu desejo (Fonseca, 2021).

Os estudos sobre a eficácia da palavra englobam um tema que ultrapassa a psicanálise. Como anunciamos anteriormente, a antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss reconhece

4 A primeira clínica lacaniana que considera a estrutura como operador epistemológico fundamental é denominada clínica estrutural (Fonseca, 2021).

na linguagem sua eficácia simbólica. O antropólogo, criador do método da análise estrutural, resgata, por meio do estruturalismo linguístico de Saussure (1916/2006), um modo de pensar os processos sociais em forma de linguagem, e as palavras numa lógica estrutural simbólica (Simanke, 2002). No estruturalismo, o objeto das ciências humanas são as estruturas, entendidas como um modo de organização que age sobre o sujeito, fornecendo a condição de sentido para as experiências sociais por meio do sistema linguístico (Safatle, 2020). Ao pensar a linguagem como representação dos símbolos de uma cultura, Lévi-Strauss (1949/2012a) aponta a palavra como a estrutura que produz sua eficácia simbólica.

Para Lévi-Strauss (1949/2012a), não basta definir os rituais religiosos como cura psicológica, é necessário compreender o “modo como determinadas representações psicológicas são invocadas para combater males fisiológicos” (pp. 206-207). Ele aponta que o uso da magia das palavras, também presente nos rituais xamânicos, religiosos, aproxima-se muito do método de tratamento psicanalítico, justificando essa aproximação a partir do conceito de transferência, comparando o xamã com o psicanalista.

O xamã tem um duplo papel, como o psicanalista. Um primeiro papel – de ouvinte no caso do psicanalista, de orador no caso do xamã – estabelece uma relação imediata com a consciência (e mediata com o inconsciente) do paciente. É o papel do encantamento propriamente dito. Mas o xamã faz mais do que apenas proferir o encantamento, ele é seu herói, pois que é ele que penetra nos órgãos ameaçados liderando o batalhão sobrenatural dos espíritos que liberta a alma cativa. Nesse sentido, ele se encarna, como o psicanalista objeto da transferência, para tornar-se, graças às representações induzidas no espírito do paciente, o protagonista real do conflito que este experimenta a meio caminho entre o mundo orgânico e o mundo psíquico. O paciente vítima de uma neurose líquida um mito individual opondo-se a um psicanalista real. A parturiente indígena supera uma desordem orgânica verdadeira identificando-se a um xamã miticamente transposto (Lévi-Strauss, 1949/2012a, pp. 214-215).

Ao encarnar o objeto da transferência, um investimento endereçado a um outro no campo de suas representações, o psicanalista, por meio da escuta, permite ao sujeito construir uma narrativa, um mito individual de seu sofrimento. Outrora, essa posição homóloga era ocupada pelo xamã, atuando, por meio do mito, na cura do membro da tribo indígena. “A cura consistiria, portanto, em tornar pensável uma situação dada inicialmente em termos afetivos, e aceitáveis, pelo espírito, dores que o corpo se recusa a tolerar” (Lévi-Strauss, 1955/2012, p. 213), ou seja, o curador faz uma inscrição da palavra por meio dos símbolos, dos significantes, dos mitos individuais ou da tribo no doente. O mito, aqui, é “o que dá uma formulação discursiva a algo que não pode ser transmitido na definição de verdade” (Lacan, 1953/2008, p. 8). Assim, o mito é a estrutura discursiva que permite à palavra a inscrição de uma verdade.

Desse modo, Lacan (1953/2008) afirma que a verdade só pode ser expressa de uma forma mítica. Ao extrair uma estrutura dos mitos, Lévi-Strauss (1955/2012) aponta que o mito faz parte do discurso, da linguagem; em outras palavras, apresenta-se por meio dela. Entretanto, Lacan avança nesse tema e reconhece que a partir da estrutura narrativa mitológica pode-se extrair uma verdade do sujeito. A comparação apresentada por Lévi-Strauss (1949/2012a) entre o

mito como objeto da antropologia e o mito individual da psicanálise levou Lacan (1953/2008) a apresentar *O mito individual do neurótico*, aplicando o método de análise estrutural aos mitos elaborados por Lévi-Strauss para extrair deles uma estrutura, uma verdade sobre a neurose.

O pensamento mítico tem um sistema temporal de eventos passados, mas que formam uma estrutura fixa na qual se repetem, sendo atemporais e temporais, formando, assim, uma ambiguidade fundamental. O mito então se apresenta mais do que como um fato linguístico, já que “a substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo de narração, nem na sintaxe, mas na história que nele é contada” (Lévi-Strauss, 1955/2012, p. 225). Dessa forma, Lévi-Strauss aponta na narrativa mítica uma estrutura simbólica, o mito carrega em si uma tentativa de reorganização cultural. Lacan, ao extrair o mito da neurose, recuperando o caso do Homem dos ratos, de Freud, mostra que a repetição da estrutura mítica individual reedita o mito familiar e que ela constitui a subjetividade, dando ao pai a função simbólica (Simanke, 2002). O mito apresentado pelo paciente é uma tentativa fantasmática de dar conta do complexo familiar (Carreira, 2001). O pai insere nas estruturas narrativas uma aliança subjetiva, seja no campo individual, seja no coletivo, a fim de evitar a repetição histórica, tornando-se, portanto, um representante simbólico para esse sujeito (Fonseca, 2021). A leitura de forma mítica do complexo familiar, apresentando-o como uma estrutura narrativa da neurose, toma a função paterna como uma função simbólica de linguagem.

Lévi-Strauss indica que é a estrutura da função simbólica da palavra, ou seja, a introjeção dos símbolos culturais para o xamã e individuais para o psicanalista, que garante uma coesão entre mitos, narrativas, discursos e operações.

O mito, quer seja recriado pelo sujeito ou tomado da tradição, só tira de suas fontes, individual ou coletiva (entre as quais interpenetrações e trocas se produzem constantemente), o material de imagens com que opera. A estrutura permanece a mesma, e é por ela que a função simbólica se realiza (Lévi-Strauss, 1949/2012a, p. 219).

Nos rituais xamânicos e na psicanálise, a cura se estabelece de uma maneira diferente da forma como ocorre nos tratamentos das ciências naturais, que diagnosticam o organismo, isto é, consideram a parte biológica do ser humano separada de seu aspecto psíquico, em uma relação dicotômica de causa e efeito. Para Lévi-Strauss (1949/2012a), no xamanismo e na psicanálise, o tratamento é dado pelo campo da linguagem, “é uma relação entre símbolo e coisa simbolizada, ou, como dizem os linguistas, entre significante e significado” (p. 213), em que o psíquico e o organismo se situam em um mesmo corpo, o corpo pulsional, perpassado pela linguagem.

A leitura do estruturalismo de Lévi-Strauss por Lacan é singular, pois toma o inconsciente como uma estrutura de regras, normas e leis que coloca o sujeito em cena e é fundamentalmente incompleta (Fonseca, 2021). Enquanto para os estruturalistas a função simbólica dá conta de toda absorção de sentido, Lacan observa que sempre terá algo de real que o imaginário não cobrirá. A observação da estrutura do inconsciente lacaniano se dá por meio de um mito individual que, em seus deslizamentos de significantes, faz emergir o agente, subvertendo a noção de estrutura como produtora de um sujeito (Safatle, 2020).

Lacan, a eficácia simbólica e a verdade

Em *O feiticeiro e sua magia*, Lévi-Strauss (1949/2012b) conta a história de Quesalid, um biógrafo que, a fim de desmascarar as fraudes dos rituais xamânicos, buscou entre eles fazer a formação para se tornar um xamã. Durante seu relato, Quesalid, ao assistir a um processo de cura pela tribo vizinha, repara em uma diferença de método. Em vez de cuspir o que simboliza a doença com sangue, o ritual deste apresentava somente o cuspe de saliva. Devido à falta de efeito do ritual apresentado, Quesalid se oferece para aplicar seu método, no qual o cuspe, que expulsa a doença, conteria uma gosma de verme sanguinolento que ele esconde em sua boca. Ao fim do ritual de Quesalid, o doente manifesta a cura e o feiticeiro da tribo vizinha perde sua magia.

A perda da magia do xamã não provém da cura feita pelo Quesalid, mas do crédito da população presente em seu poder. A eficácia do feitiço, segundo Lévi-Strauss, depende do efeito de massa, da confiança daquele povo no efeito dessa magia e implica “a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam continuamente uma espécie de campo de gravitação no interior do qual se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça” (Lévi-Strauss, 1949/2012b, p. 182). Além do efeito de massa, ele define outros dois elementos para produzir a eficácia da magia: a crença do curador e do doente. A primeira provém do efeito das técnicas do xamã; e a segunda, da confiança do doente no poder da magia.

Ao elaborar sobre a eficácia simbólica em diferentes sociedades, Lévi-Strauss (1949/2012b) traça um paralelo entre o psicanalista e o xamã, pontuando uma certa inversão homóloga. O xamã é agente da cura; ele opera ativamente em sua fala. O resgate do doente é feito por meio de um símbolo da natureza em substituição metafórica da causa do adoecimento. De outro modo, o psicanalista, ao escutar, coloca-se como objeto-causa de desejo para o paciente. É por meio da associação livre que o paciente é convidado a operar sobre o próprio sintoma. Enquanto o xamã labora com o mito coletivo, o psicanalista faz o manejo de mitos individuais. Os dois trabalham sua eficácia simbólica por meio de uma operação de estruturas, oferecendo ao doente uma linguagem, ambas inconscientes (Dunker, 2011).

Quesalid, assim como o psicanalista, encarna o sujeito do suposto saber lacaniano em suas relações com o doente. Aquele que faz semblante de um saber, ou seja, objeto de transferência, para fazer emergir no outro os significantes de seu discurso. No caso do xamã, a magia, apesar de ser profetizada por ele, depende da aposta do doente na figura xamânica. Para ter uma eficácia simbólica, o doente, ao escutar o xamã ou ao construir sua narrativa mitológica na análise, precisa se apropriar dos significantes, signos e símbolos presentes na linguagem apresentada em sua fala. No caso de uma análise, o sujeito que chega demanda uma linguagem, um restabelecimento de sua eficácia simbólica, ele busca um tratamento quando a estrutura que amarra o sentido falha (Dunker, 2011).

A linguagem circula pelas diversas disciplinas no campo das ciências humanas. Ela é tomada a partir de múltiplas considerações teóricas. Na década de 1950, a linguística foi considerada como modelo para restabelecer as discussões sobre a linguagem. Ferdinand de Saussure foi o responsável por elevar a linguística à categoria de ciência. Para ele, a língua é um sistema de valores, no qual são atribuídos significados aos signos linguísticos, categorizando-a

como um fato social (Rodrigues, 2008). Essa definição parte do entendimento de que a língua seria o elemento que junta e organiza as ideias humanas aos sons, formando articulações. Saussure avança ao reconhecer que nessas articulações existem dois aspectos presentes no valor linguístico: o conceitual e o material.

O signo linguístico saussuriano opera por meio de um vínculo de associação em que, de um lado, há o conceito (a representação da coisa), designado como significado, e do outro lado, uma imagem acústica, ou como definiu Ferdinand de Saussure (1916/2006) o significante. A imagem acústica é “a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho dos nossos sentidos” (Saussure, 1916/2006, p. 80). O significado, por mais que seja constituído por meio do significante, não é formado de modo direto, mas sim pela oposição de um signo aos demais. Como afirma Saussure (1916/2006),

De um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua. [...] A língua [é] um sistema em que os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros (p. 133).

Portanto, para o autor, o significado de um signo é atribuído por meio da oposição e da exclusão entre eles. Sendo assim, o signo linguístico, como a junção entre significante e significado, é posto como o objeto de estudos da língua para Saussure.

Lacan (1957/1998), ao trazer a linguística para a psicanálise, em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, dá destaque ao significante, uma vez que dele dependerá o aparecimento do sujeito, em psicanálise. Diferentemente do que afirmava Saussure, o significante, ao operar na presença do sujeito, ultrapassa o patamar do significado (Lacan, 1957/1998). Para o psicanalista, a medida de sentido conferido à imagem acústica, ou seja, ao objeto, é tomada por uma cadeia de significantes do sujeito, e não em uma relação direta entre significante e significado. Lacan (1957/1998) nos revela que a estrutura da cadeia significante

É a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz. Função mais digna de ser enfatizada na fala que a de disfarçar o pensamento (quase sempre indefinível) do sujeito: a de saber, a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade (p. 508, grifo do autor).

Desse modo, a trama da linguagem é estruturada por meio de cadeias significantes, que compõem uma relação de apropriação da realidade, conferindo sentido a ela. No texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, Lacan (1953/1998) defende que a fala, ao conceder sentido às funções do sujeito, cria um campo de discursos que confere uma realidade transindividual. Esses discursos são nomeados por Lacan (1969-1970/2016), posteriormente, no *Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*, como uma articulação significante. É a fala que determina sentido às palavras proferidas pelo sujeito. Essa articulação significante que opera por meio da fala, ou seja, no registro simbólico que determina um sentido, sustenta uma parte da verdade para o sujeito. Lacan avança no tema ao compreender que, além de conferir sentido ao sujeito, a fala, ao revelar algo inconsciente, escaparia da verdade como significantes do discurso. Ele nos leva a pensar na estrutura como tecido:

Trata-se de uma relação de trama, de texto – de tecido, se quiserem. Só que esse tecido tem um relevo, ele pega alguma coisa. Claro, não tudo, pois a linguagem mostra precisamente o limite dessa palavra que só tem existência de linguagem. Mostra que, mesmo no mundo do discurso, nada é tudo, como digo – ou melhor, o tudo como tal se refuta, e mesmo se baseia, em ter que ser reduzido em seu emprego (Lacan, 1969-1970/2016, p. 51).

A função simbólica se apropria do sentido, o qual movimenta esse sujeito, mascarando a verdade, isto é, tomando-a como um mito (Lacan, 1953/2008). Isso ocorre porque o mito é uma narrativa metafórica, que o sujeito constrói para o real, uma redução de sentido. Entretanto, nessa redução metafórica, uma parte da verdade escapa, definindo-se como impossível (Lacan, 1969-1970/2016). Desse modo, a verdade do sujeito, como aquilo que o põe em ação, estando fora da operação simbólica, é apreendida como uma meia verdade.

Seguindo essa lógica, a fala, seja ela verdadeira, seja falsa, está inserida no campo do discurso em que a linguagem está localizada: o registro simbólico. Ainda assim, o falso, por ser aquilo que se deseja retirar do conjunto da verdade, estaria incluso nesse conjunto, como um elemento ambíguo que, ao negar, também revela sua verdade (Lacan, 1969-1970/2016). Ao julgar os elementos que não pertencem ao significante, o falso determina o que está nele e fora dele, também fazendo parte de sua verdade. É justo por isso que Lacan (1969-1970/2016) afirma que não existe metalinguagem, não existe a possibilidade de alcançar uma verdade sobre o sujeito que não seja perpassada pela linguagem.

É em função disso que Quesalid, mesmo questionando quais seriam os verdadeiros xamãs, desmascarando e desvelando outros curandeiros, começa a ser convocado para rituais e duelos pela eficácia de seu método. O que ele nos revela é que a eficácia do tratamento pode ser pensada por meio da sua prática, “é o fazer e não o saber, a causa primeira da crença” (Dunker, 2011, p. 79). A aposta do xamã no seu saber fazer não parte da verdade, mas da prática de uma inserção significante; é esta que sustentaria todo o poder de eficácia simbólica.

Considerações finais

Este artigo tem origem na minha indagação sobre o poder das palavras. Eu me pergunto: que palavras são essas capazes de mobilizar e de transformar um corpo? Para fundamentar minha procura, foram resgatados os estudos psicanalíticos sobre a linguagem. Essa questão tão cara à psicanálise faz com que falar livremente seja a única regra fundamental. A fala em psicanálise, assim como o canto da minha mãe, enlaça-se ao motor da cura, à transferência, para efetuar um tratamento.

Podemos recuperar essa potência em Freud, com o início da clínica com as histéricas, em que fala e amor se juntam para evocar o sujeito em análise. A partir das falas das histéricas, Freud (1890/2020) introduz em seus estudos que as palavras carregam em si as fantasias que são direcionadas ao outro e que, ao proferirem as representações inconscientes, surtiriam um efeito curativo. Essa transferência é a causa da magia empalidecida presente na palavra, e seu manejo é o alicerce da clínica psicanalítica.

Ampliamos o debate quando trazemos os estudos de Lacan, em seu retorno a Freud com Lévi-Strauss, pois algo se consolida com a dimensão da eficácia simbólica. A palavra assume sentido, segundo Lévi-Strauss, em uma organização simbólica, o que recebe o nome de estrutura. A eficácia simbólica desenrola-se pela introdução de signos, símbolos e significantes da linguagem na estrutura psíquica do sujeito. Lacan, porém, não se apropria só da linguagem como fundadora do sujeito ao reconhecer que a falha da estrutura produz seu agente, ou seja, é no movimento da tentativa de cobrir o real com o imaginário que se instaura um sujeito (Safatle, 2020).

Entretanto, continuamos falando porque algo insiste em fal(h)ar. A palavra insiste ao proferir o não sentido, apresentando em si o registro Real, fora da articulação simbólica. Mas, como não há metalinguagem, não existe a possibilidade de dizermos do real sem o atravessamento simbólico. Desse modo, a verdade sobre o sujeito só pode ser meio dita (Lacan, 1969-1970/2016).

Referências

- Andrade, C. D. (2014). *Discurso de primaveras e algumas sombras*. Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1977)
- Breuer, J., & Freud, S. (2016). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 2, pp. 16-58). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1895)
- Carreira, A. (2001). O mito individual com estrutura subjetiva básica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(3).
- Chauí, M. (2000). *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática.
- Dor, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dunker, C. I. L. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: Uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume.
- Dunker, C. I. L. (2020). Nove erros básicos de quem quer fazer uma crítica à psicanálise. *Psicologia.pt*, 1-24. Recuperado em 02/02/2023 em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A1390.pdf>>
- Fonseca, M. (2021). *O nome-do-Pai em Jacques Lacan: declinações e negatividades*. Appris.
- Freud, S. (2020). Tratamento psíquico (tratamento anímico). In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud: fundamento da clínica psicanalítica* (pp. 19–43). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1890)
- Freud, S. (2016). Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. In Freud, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud: sobre a concepção das afasias, um estudo crítico* (pp.17-133). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1891).
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, p. 888). Imago. (Obra original publicada em 1895)

- Freud, S. (2018). Carta a Fliess 139. In Freud, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud: neurose, psicose, perversão* (pp. 47-50). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (2020). Sobre a dinâmica da transferência. In Freud, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud: fundamento da clínica psicanalítica* (pp. 107-119). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (2017). As pulsões e seus destinos. In Freud, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud: as pulsões e seus destinos* (pp. 13-69). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2011). Autobiografia. In Freud, S. *Obras completas: o eu e o id, autobiografia e outros textos* (Vol. 16, pp. 65-135) São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1925).
- Garcia-Roza, L. A. (1993). A pesquisa acadêmica em psicanálise. In Ropa, D. *Anuário Brasileiro de Psicanálise* (pp. 118-121). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Honda, H. (2011). O conceito freudiano de pulsão (Trieb) e algumas de suas implicações epistemológicas. *Fractal: Revista de Psicologia*, 23(2), 405-422. Recuperado em 02/11/2023 em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/SMYpKVz5qf7DHLLbFLjQvMQ/abstract/?lang=pt>>.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1953).
- Lacan, J. (2008). *O mito individual do neurótico*. Zahar. (Obra original publicada em 1953)
- Lacan, J. (2005). O simbólico, o imaginário e o real. In Lacan, J. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1953).
- Lacan, J. (1998). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 383-401). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1954).
- Lacan, J. (1985). A frase simbólica. In Lacan, J. *O Seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 121-136). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1956).
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1957).
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1958).
- Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1969-1970).
- Laplanche, J., & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lévi-Strauss, C. (2012a). A eficácia simbólica. In Lévi-Strauss, C. *Antropologia estrutural* (pp. 201-220). São Paulo: Cosac e Naify. (Obra original publicada em 1949).
- Lévi-Strauss, C. (2012b). O feiticeiro e sua magia. In Lévi-Strauss, C. *Antropologia estrutural* (pp. 181-200). São Paulo: Cosac e Naify. (Obra original publicada em 1949).
- Lévi-Strauss, C. (2012). As estruturas dos mitos. In Lévi-Strauss, C. *Antropologia estrutural* (pp. 221-448). São Paulo: Cosac e Naify. (Obra original publicada em 1955).

- Mouammar, C. (2010). *Pulsão e instinto: um diálogo entre a psicanálise e a biologia do comportamento*. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil.
- Rodrigues, R. S. V. (2008). Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. *ReVel., Edição especial* (2). Recuperado em 02/02/2023 em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf>.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Safatle, V. (2020). *Introdução a Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Saussure, F. (2006). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix. (Obra original publicada em 1916).
- Simanke, R. (2002). *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. São Paulo: Discurso; Curitiba: Editora UFPR.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar.

The pale magic and the speech that insists: weavings of language and remnants of the Real in psychoanalysis

Abstract

The aim of this study is to explore the power of speech through an examination of theoretical concepts in Psychoanalysis, specifically focusing on the role of language and its relationship with speech. The centrality of speech in Psychoanalysis can be traced back to Sigmund Freud's work with hysterics, where he employed the technique of free association as a means of treatment. Additionally, this research delves into the symbolic nature of language, drawing on the method of structural linguistic analysis and the concept of symbolic efficacy outlined by Claude Lévi-Strauss. Furthermore, this study positions Jacques Lacan's re-evaluation of Freudian theories as a foundational aspect of this examination. From this theoretical framework, the present work posits that language, in its ability to express the non-sensical, reveals a deeper reality and uncovers a truth about the subject that escapes the boundaries of the symbolic order. Thus, the power of speech can be understood as existing between the diminished magic of language and the failure that persists and leads to an understanding of the Real.

Keywords: Psychoanalysis, Language, Speech, Symbolic efficacy.

La magie décolorée et l'échec qui insiste: tissages du langage et restes du Réel en psychanalyse

Résumé

Ce travail, issu d'une recherche théorique en psychanalyse, vise à interroger le pouvoir de la parole, en mettant en évidence certains concepts qui s'articulent dans le champ du langage. La place privilégiée de la parole en psychanalyse trouve son origine chez Sigmund Freud, dans sa clinique avec les hystériques, où, soutenu par le transfert, il privilégiait leur écoute, initiant ainsi la méthode de la cure par l'association libre. Par la suite, cette étude reprend la dimension symbolique du mot, en s'appuyant sur la méthode d'analyse linguistique structurelle et sur le concept d'efficacité symbolique de Claude Lévi-Strauss. Pour cette élaboration, elle s'inscrit dans le cadre du retour à Freud institué par Jacques Lacan. À partir de ce développement théorique, cet article établit que le langage, en proférant quelque chose du non-sens, manifeste en lui-même le registre du Réel et révèle une part de la vérité du sujet qui échappe à l'ordre symbolique. Ainsi, le pouvoir de la parole se situerait entre la magie décolorée du langage et l'échec qui insiste et nous mène au statut du Réel.

Mots-clés: Psychanalyse, Langage, Parole, Efficacité symbolique.

La magia atenuada y la falla que insiste: tramas del lenguaje y restos de lo Real en el psicoanálisis

Resumen

Este trabajo, derivado de una investigación teórica en psicoanálisis, busca interrogar el poder del habla, destacando algunos conceptos que se articulan en el campo del lenguaje. El lugar privilegiado de la palabra en el psicoanálisis tiene su origen en Sigmund Freud, en su clínica con las histéricas, donde, sostenido por la transferencia, priorizaba escucharlas, dando inicio al método de la cura por la asociación libre. Más adelante, este estudio recupera la dimensión simbólica de la palabra, basándose en el método de análisis lingüístico estructural y en el concepto de eficacia simbólica de Claude Lévi-Strauss. Para esta elaboración, se sitúa en el fundamento del retorno a Freud instaurado por Jacques Lacan. A partir de este desarrollo teórico, el artículo establece que el lenguaje, al enunciar algo del sin sentido, manifiesta en sí mismo el registro de lo Real y revela una parte de la verdad del sujeto que escapa al orden simbólico. Así, el poder del habla se situaría entre la magia atenuada del lenguaje y la falla que insiste y nos lleva al estatuto de lo Real.

Palabras clave: Psicoanálisis, Lenguaje, Habla, Eficacia simbólica.

Recebido em: 20/06/2024

Revisado em: 31/03/2025

Aceito em: 03/04/2025